

A temática das sementes crioulas e o potencial contra hegemônico a partir da questão ambientalista

Eje 2

Eixo De Reflexão: Problemáticas y desafíos regionales en contextos de desigualdad y dominación

Autor:

Neilo Márcio Da Silva Vaz¹

Institución:

Mestrado em Ciências Sociais/PPGCS-ISP-UFPEL

1. Introdução

O presente artigo é resultado parcial de pesquisa bibliográfica, sobre a questão da produção de sementes crioulas, por parte dos camponeses, enquanto realização de processos de resistência sociopolítica frente ao processo de modernização da agricultura. Discutindo-se sobre a sua inserção enquanto potencial contra hegemônico capitalista fundada numa perspectiva que devido às especificidades culturais camponesas, abarca dimensões de resistência sociocultural, autonomia econômica, sociopolítica, bem como, de resposta ambientalista.

Por ora nos preocupa a dimensão sociocultural e política da temática da produção das sementes crioulas, onde a mesma se apresenta como algo enraizado culturalmente entre agricultores de diversas regiões do Brasil e do mundo, constituindo-se desta maneira, como um patrimônio intelectual das comunidades onde os saberes e fazeres relacionados ao melhoramento de variedades de sementes está referenciado e onde são (re) produzidos ao longo da história sociocultural dos sujeitos envolvidos.

2. O modelo de modernização da agricultura e a questão da ameaça a biodiversidade biológica e sociocultural condicionando sociopoliticamente a questão das sementes crioulas

A discussão em torno da temática da produção de sementes, pelo fato de constituir-se como uma atividade ligada a agricultura, invariavelmente, passa pela pontuação histórica e social relacionada ao modelo de modernização da agricultura, enquanto padrão tecnológico hegemonicamente adotado pela sociedade para condução desta atividade humana, a partir da compreensão de suas dimensões econômica, sociopolítica e ambiental.

O surgimento e a consolidação da “revolução verde”, enquanto modelo produtivo empreendido a partir da Europa após o período pós-segunda guerra

mundial, o que se dá num contexto fundamentalmente marcado, por um lado, pela fome generalizada na sociedade europeia da época, consequência das investidas bélicas, por outro lado, no campo político se consolidava um estado de polarização, encontrando-se num dos polos o projeto de expansão capitalista e de outro o comunismo de Estado. Sendo dentro deste contexto de intensa desagregação social e de necessidade de reorganização do capital financeiro mundial que a fome, que a princípio era apenas uma necessidade fundamental, consequência do estado de guerra, se converteu em argumento político capaz de deslocar a discussão da miséria como consequência do modelo econômico, social e político, para uma questão técnica.

O que se constata, segundo relatórios oficiais² é que realmente os pilares do projeto, no que diz respeito à concentração do capital no campo, aumento da produtividade agrícola, emprego de alta especialização, uso de sementes híbridas de alto desempenho e uso de agroquímicos foram largamente alcançados. Contudo as atuais gerações contam com um conjunto de ônus relacionados a problemas de ordem econômica, sociocultural e ambiental, oriundos da implementação de tal modelo, que acabam por configurar sua própria crise.

Do ponto de vista ambiental, nas primeiras décadas não se observa grandes movimentos motivados pelas consequências advindas do processo da revolução verde. Somente nos anos 80 é que a discussão toma contornos de debate público, desencadeando um processo de politização ambiental do campo, conforme nos demonstra ZANONI (2004, p. 103) “os efeitos da industrialização da agricultura sobre a degradação dos recursos naturais e a saúde humana impregnaram o mundo rural da problemática ambiental”, demarcando a problemática ambiental como uma questão social de nossa época, sendo incorporada pelo mundo rural em função do processo de modernização da agricultura.

A denominação de “semente crioula” - que no campo institucional-normativo recebe o nome de “local”, “tradicional” ou “crioula” - faz parte do vocabulário e da pauta político-ambiental nas últimas décadas no cenário

brasileiro e mundial, devido ao fato de inserir-se dentro do contexto da agroecologia, como uma resposta no que tange a uma das consequências mais nefastas do processo de modernização da agricultura, qual seja a que diz respeito à questão da erosão genética e a perda da biodiversidade, ambas, fruto da substituição das espécies e raças rústicas, por variedades e raças altamente artificializadas. Para esta última, todo o processo produtivo se dá em função da reprodução do capital financeiro, onde o meio social e o meio ambiente são mecanismos para se chegar ao fim, que é realização incessante do lucro. Já na economia do modo camponês, opera-se uma lógica contrária, onde o cenário econômico-financeiro é um meio que está relacionado a estratégias de reprodução social e cultural, do modo de vida em sua totalidade.

A atividade de melhoramento e produção de sementes crioulas, ou seja, a intervenção humana com intuito de produzir cultivares adaptadas ao meio e às técnicas dos próprios agricultores é um produto fruto do conhecimento camponês e estão referenciados no universo sociocultural destes, segundo Carvalho

As sementes crioulas têm sido guardadas, reproduzidas e melhoradas milenarmente pelos camponeses e povos indígenas em todo o mundo. Elas têm garantido para eles e para toda a humanidade a diversidade étnico-ambiental que herdamos. Tais sementes têm servido como alimento para o corpo e para as emoções. Elas mediam crenças nas relações místicas com o sagrado, unem os diferentes quando se fazem alimentos no cotidiano da vida social, insinuam a partilha pelo seu significado de alimento potencial que pode ser repartido entre os que necessitam plantar e deixam-se latente para despertar como a genealogia de um insuspeitado vir-a-ser, de uma nova ou renovada relação dos homens com a natureza (CARVALHO, 2003, p. 01).

Sendo algo que faz parte da existência individual e coletiva dos sujeitos envolvidos nessa atividade, se reproduzindo enquanto prática social ao passo do processo de formação social do campesinato.

Desta maneira, a atividade de melhoramento e produção de sementes crioulas é algo próprio do contexto socioeconômico da agricultura familiar, que diferentemente do que defendem alguns setores da sociedade científica ou não científica, trata-se de um segmento da sociedade que não se encontra em vias de extinção e sim se reproduz ao longo da história segundo lógicas próprias de resistência, produzindo processos de identificação/diferenciação, tanto em suas relações com a sociedade envolvente, bem como, nas suas relações intergrupais. Fazendo parte desta categoria social e política, uma diversidade de grupos marcados por diferenciações relacionadas a questões étnicas, regionais e econômicas, o que configura a atividade de produção de sementes crioulas como algo que se dá dentro de uma grande diversidade quanto a contextos socioculturais próprios de agricultores familiares, ou seja, quando referimo-nos ao tipo de agricultor que produz sementes, estamos nos reportando a uma série de contextos relacionados à agricultura de base familiar, distribuída em todo território nacional e logicamente pertencentes a contextos étnicos, religiosos, de participação em redes de formação política e redes sociotécnicas bem diversificadas.

Sendo essa diversidade, constituinte da experiência da globalização recente, fundada na ideia de coexistência entre homogeneização e afirmação de particularidades, constituindo-se num processo que Boaventura de Souza Santos denominou de “globalização hegemônica”, onde conforme o autor:

uma revisão dos estudos sobre os processos de globalização mostram-nos que estamos perante um fenômeno multifacetado com dimensões econômicas, sociais, políticas, culturais, religiosas e jurídicas interligadas de modo complexo. Por esta razão, as explicações monocausais e as interpretações monolíticas deste fenômeno parecem pouco adequadas. Acresce que a globalização das últimas três décadas, em vez de se encaixar no padrão moderno ocidental de globalização – globalização como homogeneização e uniformização – sustentado tanto por Leibniz, como por Marx, tanto pelas teorias da modernização, como pelas teorias do desenvolvimento dependente, parece combinar a universalização e a eliminação das fronteiras nacionais, por um lado, o particularismo, a diversidade local, a identidade étnica e o regresso ao comunitarismo, por outro (SANTOS, 1994, p.26).

Sinalizando que ao invés da confirmação de perspectivas ideológicas, políticas ou científicas, que apontam para a extinção destas particularidades em face ao processo de globalização neoliberal, marcada pela busca da hegemonização cultural, o que implica a extinção dos conhecimentos locais em consequência da tão falada “*aldeia global*”. O que se observa é uma intensa tensão marcada pela resistência das lógicas locais ao passo que se incorporam questões globais a essas lógicas culturais anteriormente mais isoladas, ou seja, à medida que se globalizam os mercados, o consumo de massa, os costumes, também se globaliza o potencial de resistência das lógicas locais.

3. Considerações finais

Numa guisa de conclusão, primeiramente, é possível concluir que dentro do atual contexto de desenvolvimento do modelo de agricultura moderna, que se encontra em crise, tendo como central no debate a questão ambiental, a questão das sementes crioulas representam um dos elementos fundamentais na conformação do debate socioambiental contemporâneo, devido às dimensões ecológicas, econômicas, culturais, sociais e políticas imbricadas na sua constituição enquanto processo humano.

Em segundo lugar, é público e notório, tanto no campo científico, como no político, incluindo o nível institucional e da sociedade civil, que a questão da preservação da biodiversidade e o respeito às culturas locais coloca-se como condição intrínseca a qualquer concepção de um projeto humano que viabilize a instituição de um desenvolvimento sustentável.

Em terceiro lugar conclui-se que um amadurecimento político sobre a questão se faz necessária, o que única e exclusivamente se dará de maneira eficaz, se os setores interessados diretamente (especialistas e não especialistas) e o conjunto da sociedade apropriar-se da questão em seu sentido positivo, potencializando o seu potencial de resistência. Impondo ao campo científico, ao campo político e a sociedade civil a tarefa de colocar a questão das sementes crioulas na agenda da sustentabilidade, enquanto objeto

de estudo e bandeira de luta, constituindo-se enquanto um espaço de construção contra hegemônica no que tange ao desenvolvimento rural sustentável.

4. Referências

Carvalho, Horacio Martins (org.). **Sementes, patrimônio do povo a serviço da humanidade**. São Paulo, Expressão Popular, 2003.

GONÇALVES, Porto Walter Carlos. Geografia da riqueza, fome e meio ambiente: pequena contribuição crítica ao atual modelo agrário/agrícola de uso dos recursos naturais. Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis, Vol. 1, n. 1, p. 02-55, 2004. Editor Interthesis.

GÖRGEM, S. A. (Org.). **Os novos desafios da agricultura camponesa**. [S.l.]: [s.n.], 2004. 84 p.

SANTOS, de Souza Boaventura. **Pela Mão de Alice**. Edições afrontamento, 1994. 297 p.

ZANONI, Magda. **A Questão Ambiental e o Rural Contemporâneo**. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 10, p. 101-110, jul/dez. 2004. Editora UFPR.

¹ Sociólogo (Mtb-DRT/RS nº 970), mestrando em Ciências Sociais do PPGCS/UFPEL na linha de pesquisa Desenvolvimento Rural, Território e Meio Ambiente. Bolsista da CAPES/CNPq.

² Refere-se principalmente a dados oriundos de estudos empreendidos por organismos internacionais como a FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação) e ONU (Organização das Nações Unidas).